

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2008 - ANO XII - Nº 133

Foto arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

O homem moderno é, cada vez mais, produtor e consumidor de informações. Vivemos e nos movemos na plenitude da era da informação. A sobrevivência humana hoje exige estas irreversíveis condições: máxima informação, máxima essencialização. Ou seja, o máximo de qualidade num mínimo de quantidade. É com este propósito que “O Estafeta” completa, neste mês de fevereiro, mais um ano de circulação. Orgulha-se de manter a mesma linha editorial adotada quando de seu primeiro número. Cumpriu e vem cumprindo o compromisso de colaborar com a formação da comunidade piquetense, estimulando-a e instrumentalizando-a por meio de seus artigos para o exercício da cidadania. Acredita que o acesso às informações se faz cada vez mais necessária em nosso mundo globalizado. Se a comunicação é necessária, comunicar bem e com qualidade é essencial. O Estafeta tem como meta justamente unir essas duas questões: comunicar bem, com excelência e propriedade, fatos e ações de nossa comunidade, levando cultura e informação a seus leitores. Muitas vezes, o que lemos em jornais e revistas que nos chegam representa a opinião dos proprietários desses meios de comunicação ou de quem paga pela veiculação da notícia. Tratam os assuntos de acordo com interesses particulares; raramente os interesses da comunidade são levados em consideração. Nessas publicações, as informações são manipuladas para formar opiniões de interesse próprio. É preciso que o leitor fique atento com o que lê e faça uma análise crítica.

O Estafeta tem consciência da importância da mídia como formadora de opinião e preocupa-se com a formação de uma consciência crítica sobre questões sócio-ambientais e culturais, necessárias a todo cidadão para o aprimoramento e a transformação da sociedade. Para tanto, é independente e está em sintonia com os interesses da comunidade, valorizando seus patrimônios histórico, arquitetônico, paisagístico e, principalmente, o humano, objeto principal dos trabalhos da Fundação Christiano Rosa.



A Campanha da Fraternidade 2008 conclama cada cristão para que, solidário com os demais, assuma o compromisso de empenhar-se ativamente no aprimoramento da sociedade, promovendo, por meio da ação política, o bem comum.

Fraternidade e defesa da vida

A Campanha da Fraternidade realizada anualmente pela Igreja Católica brasileira acontece sempre no período da Quaresma. Seu objetivo é despertar a solidariedade dos fiéis e da comunidade em relação a um problema concreto que envolva a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano, é escolhido um tema que define a realidade concreta a ser transformada, e um lema que explicita em que direção se busca a transformação. Tem como objetivos principais despertar o espírito comunitário na Igreja Católica, comprometendo particularmente os cristãos na busca do bem comum; educar para a vida em fraternidade, com base na justiça e no amor, exigências centrais do Evangelho; e renovar a consciência de todos pela ação da Igreja Católica na evangelização e na promoção humana, tendo em vista uma sociedade justa e igualitária.

Neste ano de 2008, o tema da Campanha é “Fraternidade e defesa da vida” e o lema “Escolhe, pois, a vida”. Esse tema é de suma importância em vista das ameaças e agressões constantes à vida, o bem mais importante e precioso sobre a face da Terra.

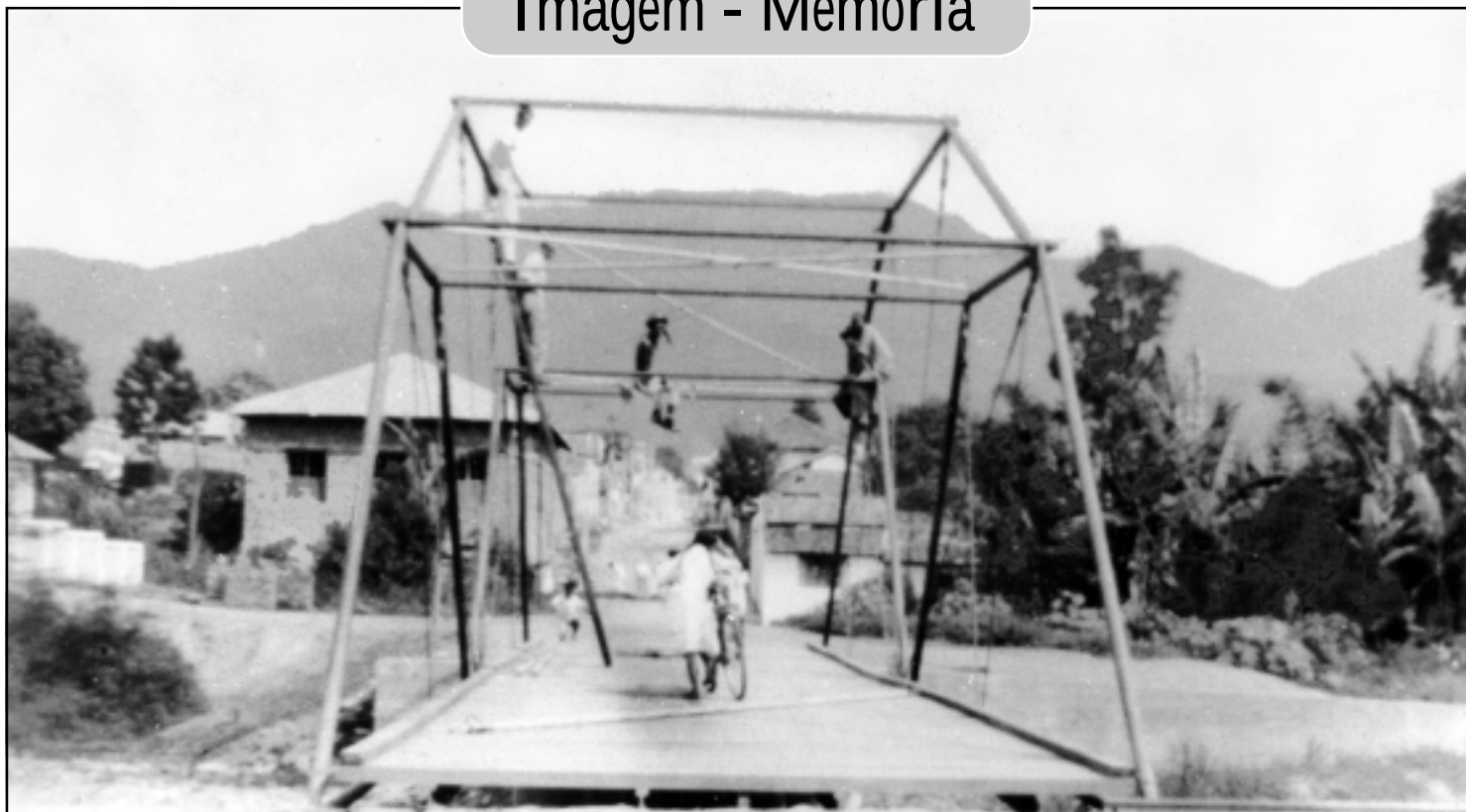
Nas suas múltiplas formas e manifestações, a vida é um bem inestimável e indisponível; cada ser vivo manifesta, à sua maneira, a sabedoria e a insondável providência de Deus Criador. Não criamos a vida, mas temos o poder de destruí-la; e a destruição da vida, pelo descuido ou imprudência humana, ou pela ganância sistemática e cega, é ofensa ao Criador.

Muitas formas de agressão ao ambiente, bem como a interferência leviana na natureza dos organismos vivos colocam em sério risco a existência de muitos seres vivos, vegetais ou animais. Vem ao caso perguntar: que tipo de mundo e ambiente estamos preparando para as gerações que virão depois de nós?

Tratando-se da vida humana, as questões tornam-se ainda mais preocupantes. A pobreza extrema e a falta de políticas sociais adequadas deixam a vida humana exposta a situações de risco e à precariedade. A violência endêmica e o crime organizado ceifam numerosas vidas humanas, lamentavelmente muitas delas em plena juventude. Submetida à lógica do mercado e da vantagem econômica, a vida humana valendo muito pouco. A degradação ambiental, a contaminação das águas e do ar, em consequência de políticas econômicas irresponsáveis desencadeiam mecanismos que põem em risco a sobrevivência da vida em nosso planeta.

Em nossa comunidade, cada cristão dever fazer uma reflexão sobre como essas questões estão sendo tratadas. À luz do Evangelho, a Campanha da Fraternidade de 2008 quer ser um forte apelo por uma mudança pessoal profunda do coração, para que, vencendo o isolamento, o comodismo e o individualismo, cada cristão, solidário com os demais, assuma o compromisso de empenhar-se ativamente no aprimoramento da nossa sociedade, promovendo por meio da ação política o bem comum.

Imagem - Memória



Projetada pelo Ten.Cel. José Pompeu Monte para ligar a Rua Major Carlos Ribeiro ao Largo da Estação “Rodrigues Alves”, esta ponte foi montada, anos mais tarde, em dois outros locais da cidade, até ser definitivamente retirada em 1990. Na foto, montagem da “Ponte dos Ex-Alunos”, como ficou conhecida, à Rua Cel. Pederneiras, no início da década de 50 do século 20.

A Ponte dos Ex-Alunos

A 26 de agosto de 1946, era criada em Piquete a Associação dos Ex-Alunos, formada por egressos da Escola Industrial da Fábrica Presidente Vargas. Entidade recreativa, cultural e filantrópica, essa associação tinha como propósito batalhar pelo bem-estar de todos, despertando em nossa juventude o amor pela cidade. Os ex-alunos, que tinham recebido uma educação integral, e bem de perto sentiram o bafejo da assistência social da F.P.V através do seu Departamento Educacional, se viam na obrigação de contribuir para o progresso de Piquete. Por essa época, quem chegasse a Piquete de trem e desembarcasse na Estação Rodrigues Alves, para entrar na cidade tinha que enfrentar uma fila para transpor o rio, passando por uma estreita e frágil ponte que balançava ao peso dos transeuntes. Todos os anos, durante o período das chuvas, essa ponte era levada por enchentes, causando grande transtorno e prejuízo para a administração municipal. Para solucionar esse problema, o tenente coronel José Pompeu Monte, grande batalhador pela educação e de grandes iniciativas, projetou uma ponte metálica para ser colocada naquele lugar, ligando a rua Major Carlos Ribeiro ao Largo da Estação. A ponte projetada era sólida, tipo “Tarrout”, media 20 metros de comprimento, 3,75 m de largura e 3,25m de altura.

Infelizmente, devido às péssimas condições topográficas do local, essa ponte só

poderia ser utilizada por pedestres, pois era servida de degraus. Entretanto, era um grande melhoramento para a cidade, quer embelezando, quer emprestando maior segurança a todos que por ali transitavam diariamente.

A concretização desse objetivo coube, em parte, à Diretoria da F.P.V. que, reconhecendo as necessidades do município, forneceu a matéria-prima e disponibilizou as oficinas da Mecânica, onde o operário José Leite torneou as “cabeças” e os “encaixes”.

Uma maquete desta ponte, exposta na cidade, ganhou a simpatia e a adesão dos ex-alunos da Escola Industrial Masculina. Apoiados pelo então Ten. Cel. Monte, diretor do Departamento Educacional da Fábrica, os ex-alunos decidiram dar continuidade à sua construção nas dependências da Escola Industrial. Em reunião da Associação dos Ex-Alunos, realizada em 24 de abril de 1947, sob a presidência do professor Laércio de Azevedo, foi feito um convite aos associados para que assinassem um termo no qual se comprometeriam a comparecer às oficinas daquela Escola a fim de acompanhar os trabalhos de construção da ponte. E assim foi feito. Sob a direção do mestre Willy Vieth, passaram voluntariamente a trabalhar até altas horas da noite, revezando-se às segundas e sextas-feiras. Faziam parte do grupo: Jaime Dotta, Eurico Fernandes, José Faustino, Paulo Gil, Benedito Costa (Bavéio), Moisés Eli Chaves,

José Vieira e outros...

As obras nas oficinas correram rápidas. Grande parte das peças estava pronta para ser montada quando, no início de 1948, assumiu a administração municipal o Prefeito Luiz Vieira Soares, que conseguiu junto ao Governo do Estado a construção de uma ponte de concreto no local da antiga de madeira. Com isso, a ponte idealizada pelo Ten. Cel. Coronel Monte e construída pelos ex-alunos acabou sendo mais tarde montada à rua Coronel Pederneiras, sobre o rio Benfica, próximo à Sociedade Beneficente do Povo da Fábrica Presidente Vargas, onde permaneceu por alguns anos. Na administração do Prefeito José Geraldo Alves, ela foi substituída por uma ponte de concreto. Anos depois, foi transferida para o “Poço Fundo”, na Vila Celeste, sobre o Rio Piquete, onde permaneceu até 1990.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Messias Arantes

A música faz-lhe parte da vida desde o nascimento. Conta-nos que quando sua mãe, Ambrosina da Encarnação Arantes, entrou em trabalho de parto, do lado de fora de sua casa, na Rua São Miguel, Henrique Masiero com um grupo de músicos fazia uma serenata. Para não atrapalhar o parto, Dona Finoca, a parteira, resolveu acabar com aquela cantoria, mas foi advertida pela gestante para que deixassem os músicos continuar... A música já fazia parte de sua família: seu pai, Azer Arantes, e seus tios Olímpia e Luís Arantes Júnior também eram musicistas.

Assim, a 2 de dezembro de 1928, ao som de uma seresta nascia Manoel Messias Arantes. Viveu grande parte de sua infância entre o Largo da Cadeia e as ruas São Miguel, Coronel José Mariano e Major Carlos Ribeiro, onde seu pai tinha um bar ao lado do Cine Glória. Frequentou o Grupo Escolar de Piquete: foi aluno de Dona Alcina Guimarães, Dona Estela e Dona Palmira. Dos colegas de infância recorda-se de Durval Silva, Argentino, Vicente Ramos, Teotônio de Castro, Oswaldo Peixoto, Roberto Alves... Em 1941, matriculou-se no recém-criado Aprendizado Industrial da Fábrica, embrião da Escola Industrial. Foi aí que viu despertar sua paixão pela música. Deve ao professor Laércio José de Azevedo esse aprendizado. Segundo ele, o Professor Laércio foi a alma dessa escola em seus primeiros anos de funcionamento e o responsável pela concretização do sonho do Capitão José Pompeu Monte de proporcionar educação profissionalizante aos jovens de Piquete. Esse professor ministrava aulas de Matemática e Desenho, e criou a Banda da Escola Industrial, passando a ensinar música aos alunos numa casinha na margem direita do Rio Sertão. Messias Arantes, além de se envolver com o aprendizado de tipografia, dedicava-se à música. Quando deixou a Escola Industrial, passou a integrar a Banda de Música da Fábrica e a trabalhar na



tipografia. Em 1946, prestou concurso para a banda do quartel de Caçapava. Após um ano nessa corporação, transferiu-se para a Escola de Cadetes, em São Paulo, onde deu baixa, retornando para Piquete. A convite do mestre da banda de Caçapava retornou para o Exército como Sargento Músico pistonista, dando continuidade ao seu aprendizado musical. Aos vinte e quatro anos transferiu-se para a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende-RJ, como 1º Sargento Músico, onde permaneceu até 1964, quando teve oportunidade de estudar regência, por um ano, no Rio de Janeiro, com o maestro Eleazar de Carvalho.

Prestando concurso para mestre de música, transferiu-se para Campinas-SP, para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército – ESPCEX. Em 1970, mudou-se para Recife-PE, para o 14º Regimento, onde se reformou como 2º Tenente Músico. Retornou para Campinas-SP passando a fazer parte da Orquestra Sinfônica dirigida pelo maestro Benito Juarez. Atuou nessa orquestra por 22 anos, até fevereiro de 1993.

Messias Arantes casou-se em primeiras núpcias, em Piquete, com Alaíde Bailon. Tiveram três filhos. Viúvo, casou-se em 22 de novembro de 1986, com Maria Aparecida Rosa Arantes, retornando definitivamente para Piquete. Aqui o casal criou a Escola de Samba Unidos da Vila São José, a princípio com 150 integrantes; atualmente, são mais de 700. Messias e Rosa são figuras marcantes de nossa

cidade e do carnaval de Piquete.

Notas da Cidade

✓ Conselho Tutelar de Piquete

A eleição para o Conselho Tutelar de Piquete foi realizada na Câmara Municipal, no dia 16 de fevereiro. Atendendo ao chamado da cidadania, 814 cidadãos foram às urnas e elegeram, entre 11 candidatos, os cinco membros do Conselho: Sidnei de Barros (393 votos); Vera Lúcia de Souza Silva (391 votos); Alzira de Fátima Gonçalves (Nenê, 340 votos); Marlene Machado (331 votos) e Alcebiades Rodrigues da Silva Jr. (Bião, 269 votos).

O Conselho Tutelar tem a função de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. Portanto, os eleitos têm grande responsabilidade em suas mãos. A FCR deseja-lhes profícuo trabalho.

✓ Carnaval 2008 em Piquete

As Escolas de Samba “Império do Brás” e “Vila São José” brilharam mais uma vez o Carnaval de Piquete. A “Império”, completando 20 anos, veio com o enredo “Sabedoria popular das negras velhas”. Ambas animaram os foliões, que lotaram as arquibancadas montadas na Praça Duque de Caxias. Além das escolas, diversos blocos cruzaram a Av. 15 de Março, entoando refrões e gritos de ordem. Apesar das fortes chuvas, foram cinco noites de muita alegria, que proporcionaram momentos de diversão aos foliões piquetenses e da região.

✓ 8º Torneio Interestadual de Futebol

Aconteceu entre os dias 6 e 13 de janeiro de 2008, o 8º Torneio Interestadual de Futebol Pré-Mirim a Juvenil. O evento, já tradicional em Piquete, este ano trouxe para o município mais de 800 atletas de diversas equipes de quatro estados.

Coordenado pelo incansável Sabará, o Torneio movimentou a cidade com disputados jogos que aconteceram em Piquete e Lorena. Ao final, sagraram-se campeãs as equipes: Barra Mansa (Pré-mirim); Barra Mansa (Mirim); Lorena (Infantil); e Arapeí (Juvenil). O atleta Christian Patrício Soares Jr. (foto), de Piquete, levou o troféu de “Goleiro Menos Vazado” em sua categoria.



Messias iniciou-se na música com o prof. Laércio de Azevedo, idealizador e maestro da Banda da Escola Industrial.



Operação Marins 2

Novas Descobertas

Rodrigo Nunes apresenta-nos um segundo livro sobre a Operação Marins, à busca do escoteiro desaparecido em 8 de junho de 1985 e nunca mais visto. Segue-se ao primeiro volume – “Operação Marins - O sumiço do escoteiro Marco Aurélio”. Mais uma vez nos emocionamos com os comentários do desaparecimento de Marco Aurélio e das buscas empenhadas para encontrá-lo, todas infrutíferas, mas plenas de mistério a ser desvendado e a suscitar contínuas indagações.

Exercendo bem a profissão do repórter ligado ao jornalismo investigativo, Rodrigo Nunes executa nos seus livros-reportagem o que se espera de trabalhos dessa natureza.

As palavras da prefaciadora do segundo volume expressam bem a natureza do trabalho quando se refere à “narrativa ágil e agradável, e ao relato de episódios intrigantes e pouco conhecidos”, para nos apresentar uma obra que lemos de um só fôlego, porque nos prende e desperta o interesse da discussão. É tudo o que uma matéria especial deve provocar.

Com 76 páginas de texto e mais dez de anexos contendo mapa da região do desaparecimento do escoteiro fornecido pela polícia científica do Instituto de Criminalística da Secretaria da Segurança Pública, e mais fotos dos participantes do tema narrado, a obra em questão, *Operação Marins 2*, é um fruto

sazonado. É composta pelos depoimentos e pelas entrevistas, revisitadas na investigação policial e jornalística.

Uma introdução, onze capítulos e o prefácio de Bianca de Freitas, jornalista e professora no curso de jornalismo na FATEA, inserem-se no temário, expondo com mais detalhes tudo o que já havia sido levantado com referência ao misterioso evento que continua envolvido no mistério.

Um descuido na impressão prejudicou a sequência do texto entre as páginas 37 e 38. Mas não prejudica o interesse da leitura. A dubiedade de alguns entrevistados na retomada das entrevistas dá ao intrigante assunto mais argumentos para discutir. A insis-tência em cercar Juan Bernabeu Cespedes é recurso investigativo de que se vale o autor para pressionar ainda mais o protagonista, que se isola em Manaus e nada mais acrescenta aos seus depoimentos. Embora o caso da “revelação da machadinha” intrigue o pesquisador e sua depoente, Marlene Xavier, portadora de um segredo sob juramento. Mas por que o segredo?

Se o caso da machadinha é relevante e deixa os espíritos provocados, corrobora a opinião do bombeiro Lázaro Alves colocada à página 74, entre os depoimentos tão díspares e até fantásticos. Ali estão observações de gente experimentada como o

citado bombeiro, e esperançada, como dos familiares e amigos. A opinião de Beto, à página 64, é, no mínimo, intrigante. Observem-na.

O capítulo 8 tem, particularmente, uma temática extremamente interessante sobre “O sumiço do rapaz pobre”, o João Carlos, filho do mateiro seu Afonso Xavier e da esposa dona Maria. O “sumiço” não explicado contabiliza mais um entre outros divulgados pelas vozes populares e faz crescer a conta na boca dos boateiros.

Insondáveis destinos não explicáveis!

Acompanhar a angústia das famílias tocadas pelo infortúnio é, no livro, um percurso sofrido. O relato das extorsões acrescenta um ingrediente amargo ao conjunto das referências significativas. Dosadas na medida, essas referências dão ao livro o caráter testemunhal de que se reveste para garantir-lhe o caráter de busca da verdade.

O desafio inserido entre as páginas 72 e 73 é uma provocação deixada por Rodrigo Nunes Godoy aos seus leitores, no aguardo de novos indícios ou cogitações.

Por todas essas razões, os livros do autor devem ser lidos não só como parte de nossa história oral ou micro-história, mas também pelo caráter humanístico de que são revestidos, para compor nosso quadro de representações. **Dóli de Castro Ferreira**

Memorial dos Moradores de Piquete

Os memoriais que escrevo sobre pessoas que vivem ou viveram em Piquete são formas de registrar, através da História oral, os significados simbólicos de nossa cultura e memória. Representam, portanto, um modo de dar-lhes expressão, como constitutivos de nossa sociedade no cotidiano e no decorrer do tempo. Meus avós paterno e materno ensinaram-me a valorizar as pessoas e a respeitá-las. Particularmente, meu avô paterno, Chiquinho Máximo, enfatizava que era necessário assinar tudo o que se escrevesse ou desenhasse – dizia ele que era para ser explicativo; mas também para assumir os erros e defeitos, com que concordo plenamente. De outro lado, qualquer informativo, impresso ou televisivo, tem autoria declarada – seja de que natureza for. Nas transmissões radiofônicas, mesmo as notícias rápidas e incidentais têm referidos o emissor, o repórter ou o analista. Nas transmissões de TV a cabo, ou pagas, o noticiário é personalizado, acompanhado da especialidade do emiteente e do local da emissão.

Pois, senhores editores, o meu crédito não foi declarado na memória em texto e versos que elaborei da estimada figura do *Mascote*, um cochilo, provavelmente. Daí este arrazoado para acrescentar que ela é uma das minhas mais prezadas memórias, que reescrevi várias vezes, num tempo prolongado de retomadas, até atingir a forma pela qual lhes apresentei para a publicação. Particularmente os versos, os construí com muita e contínua atenção. Memória

necessária.

Quando meu primo José Armando sugeriu-me um memorial sobre o *Mascote*, disse-lhe já estar sendo escrito e aguardando o momento certo – o primeiro mês de um novo ano, como alento figurativo de um ser emblemático.

Caminhando por Piquete, encontrei-me com Jorge Jofre, que aproveitou o ensejo, ao lhe relatar minha autoria do tema do *Mascote*, de lembrar-se de um cão que acompanhava o Regimento dos soldados do Quartel do Contingente do antigo 5º RI (Regimento de Infantaria), hoje 5º BIL (Batalhão de Infantaria Leve), e que, tendo sido adotado como membro da tropa, recebeu treinamento, e ao morrer teve direito às honras de estilo, pois fez jus a elas. Era também uma espécie de mascote, mas o de minha memória é uma pessoa. Pessoa sobre a qual tive saborosas conversas com uma dama piquetense, Dona Eudóxia Leite Carvalho, que do Mascote se lembrava muito bem, e com carinho especial. Lembrou-me a chacota usada para irritá-lo.

Esses fios tramados de amigos queridos levaram-me a compromissos que assumi em constituir memoriais, como estudante de História, atividade que me mantém em busca constante. Por isso lembrei-me da conversa que tive com o anterior comandante do 5º BIL, Ten. Cel Omar Tumas, hoje substituído, segundo o jornal Cidade Paisagem, pelo Ten. Cel Jorge Cardoso Martins, sobre fazer comentários acerca da iconografia do prédio

do Quartel, sede do Regimento Itororó, em Lorena.

Não cheguei a elaborar o estudo, aguardando o término da pintura externa, pois o meu comentário não passaria da fachada voltada para a via pública.

Finalmente, constatei a conclusão da obra. A pintura confere ao Quartel histórico um reforço da sua autenticidade, com as referências aos eventos militares de que a unidade participou até nossos dias. O estilo eclético nas marcas referenciais arquitetônicas revelam influências européias. A simetria das formas evoca o caráter hierárquico de que é portador. Um frontal pintado de dourado encima, soberbo, o portão principal com os símbolos próprios no arco da entrada, guarnecido das guaritas laterais. O verde e o branco alternados na pintura fazem sobressair os detalhes artísticos, florais e as colunatas. Os ramos floridos em relevo são detalhes que enobrecem os intervalos dos janelões enfileirados. É o que me é dado ver passando de ônibus pela rua fronteira. Aqui fica como registro, à falta de uma documentação mais particularizada.

De tudo isso podemos colher informações, cujas fontes orais, visuais ou escritas deverão sempre ser citadas, pois, sendo testemunhos, pertencem à ética da comunicação e da responsabilidade de quem as divulga. Principalmente numa época de reconhecimento dos direitos e do repúdio à pirataria.

Dóli de Castro Ferreira

Educação Ambiental

A preocupação em recuperar e preservar o meio ambiente tornou-se, nas últimas décadas, prioridade de todos os povos do planeta. As mudanças climáticas decorrentes dos agravos ambientais causados pelo homem ao longo dos séculos gerou e vem gerando transtornos cada vez maiores. A natureza responde às agressões, muitas vezes de forma violenta. Dessa maneira, tem-se procurado entender a dinâmica ambiental e a melhor maneira de estabelecer o relacionamento entre o homem e o meio ambiente. Trata-se de uma questão de sobrevivência de todas as espécies, incluindo-se aí o homem. Essa

preocupação decorre de uma nova maneira de perceber o mundo e da relação direta do homem com o meio em que vive.

A educação ambiental ganha destaque por meio do surgimento de uma nova percepção do mundo: uma maneira integral de se analisar a realidade e de se atuar sobre ela. Esta proposta educativa compreende o mundo como um todo e, portanto, não pode ser reduzida a apenas uma instituição, disciplina ou programa específico; ao contrário, deve compreender ações multi e

interdisciplinares e estar inserida na vida cotidiana de todos.

A educação ambiental é, na essência, uma proposta de filosofia de vida que

em uma postura ética, ao mesmo tempo que é uma educação democrática, propiciadora de oportunidades para que as pessoas e os grupos desenvolvam sua criatividade,

reaprendendo o mundo sem estabelecer separações artificiais entre mestres e aprendizes, entre sexos, idades, nem saberes.

No âmbito do programa de educação ambiental, essa tarefa se insere não só como uma missão do Estado, mas de toda a sociedade. Um dos pré-requisitos fundamentais para se alcançar o desenvolvimento sustentável é a ampla participação da comunidade na tomada de decisões.

O programa de educação ambiental propõe-se a contribuir para o processo de alterar as formas de sentir, pensar e agir sobre o meio ambiente do trabalho, discutindo com trabalhadores e patrões questões pertinentes ao tema.

Neste início de mais um ano letivo, é preciso que a educação ambiental seja tratada de maneira séria e continuada, estendendo-se da escola para a família e toda a sociedade.



incorpora valores éticos, democráticos e humanistas. Tem como ponto de partida o respeito pela diversidade natural e cultural, incluindo-se, aqui, as especificidades de classe, etnia, gênero, orientação sexual, etc. Assim, busca a melhoria da qualidade de vida e a distribuição social do poder, para o qual reconhece o acesso à informação e ao conhecimento como outra forma de o mesmo ser exercido.

É uma educação holística que propõe a busca de novos valores e práticas baseados

Gerenciamento dos Recursos Naturais

O município paulista de Piquete está inserido no conjunto paisagístico da Serra da Mantiqueira, pertencente ao Vale do Paraíba, uma das poucas regiões do país cujo relevo acidentado, de colinoso a montanhoso, tem suas maiores elevações superiores a 2.000 metros de altitude. Uma característica excepcional da paisagem natural desse município é a forma abrupta que o relevo assume: num curto espaço territorial depara-se com altitudes superiores a 2000 metros e ao mesmo tempo evidenciam-se altitudes próximas a 600 metros. Poucos lugares do Vale detêm um fragmento de Mata Atlântica tão bem preservado e contínuo como o encontrado na área da Fábrica Presidente Vargas. As feições do relevo local junto ao gradiente térmico e hidrológico

resultante da altitude propiciam uma grande diversidade de formações vegetais que, em curtas distâncias, passam dos ecossistemas florestais aos ecossistemas rupestres e mesmo rochosos, às vezes gradativamente, outras, abruptamente.

Porém, o índice dos processos erosivos apresentado no Relatório de Qualidade Ambiental do Estado de São Paulo do ano de 2006 aponta Piquete como área de alta criticidade. Esse índice demonstra a existência de grande número de erosões lineares, além de locais susceptíveis ao processo erosivo. Tais processos têm capacidade de produzir grandes cargas de sedimentos que provocam perda de solo agricultável e assoreamento de cursos d'água. Em Piquete, a maioria dos cursos

d'água encontra-se num avançado estágio de assoreamento das calhas, e o principal agente para essa situação é o processo erosivo à montante, que contribui para a ocorrência de inundações nas áreas urbanas, além de provocar a diminuição da capacidade de armazenamento dos reservatórios.

Evidencia-se, em função destas observações, a real necessidade do cumprimento das legislações vigentes tanto em âmbito municipal quanto estadual e federal. Cabe aos órgãos públicos e privados e à sociedade civil gerenciar os recursos naturais por meio de políticas públicas voltadas para a preservação e recuperação das áreas degradadas.

Santos, T. B.

Foto arquivo Pró-Memória



Crônicas Pitorescas

Se está dito...

Palmyro Masiero

Vá lá... Vá lá... Essa coisa foi dita e talvez escrita na época dos papiros e não sou eu aqui quem vou contestar. E se atravessou séculos, com os reis das frases feitas utilizando-a, evidente que fico no “tá legal”, a gente concorda. Um doce pra quem ainda não ouviu: “Quem ama o feio bonito lhe parece”. Claro está que economizei uns drumonds e cecílias na compra da guloseima.

Mas devemos examinar mais o embo-lorado anexim, pois parece--me que todos o utilizam quando comentam sobre uma mulher bonita casar com um homem feio, ou vice-versa. Mas vai além. Existem outros tipos de amor que guardam escondidas virtudes, só notadas pelo amante.

Por exemplo: conheço uma velhota que ama uma tartaruga, feia como o Ferreira Gullar, que chega às raias da paixão cega. Pode estar incutido nesse amor o seu (dela) desejo de alcançar a longevidade do animal cascudo através da osmose.

Um boliviano conhecido tem um amor por uma planta trepadeira da frente de sua casa, que só falta passar os dias e as noites ali, de plantão em defesa do vegetal. O que tem essa trepadeira de especial? Nem imagino... Garanto que não é o que estão pensando, pois não dá em trepadeira.

Amor de político é voto. Quando cai um com seu nome na urna, carrega por acaso

alguma feiúra? Nem interessa saber se foi a Bruna ou a Regina Casé que votou. O que de bonito lhe parece é a soma dos votos. Uma inequação entre o feio e o bonito, que pra ele se transforma em uma igualdade.

A Zuzu quase matou a Zizi por causa do Roberto Carlos. A Zuzu já dobrou o cabo da Boa Esperança há muito e a Zizi queima óleo 50 há mais de meio século. Ambas veneram o cantor egocêntrico e se pegaram porque uma queria armar o cabelo mais que a outra. Preenchimento de vazios.

Novela, então, é centro de paixões desenfreadas. Manjo um moço que estabelece sua vida noturna em função da novela das oito. Todos os seus problemas, inclusive serviço, ficam condicionados ao término do capítulo. Mas não é só ele, dirão... Concordo... Não fosse ele um músico da noite, que só aceita serviços além das nove e meia...

Cada um deve conhecer inúmeros casos desses amores estranhos que vão além da forma habitual entre os sexos opostos.

De tudo isso vem uma consideração. Tanto o amor quanto a feiúra possuem o mesmo peso, a mesma densidade. O amor é a querência levada à paixão ou à fé extrema... A feiúra não existe, surge apenas naquilo que nos incomoda.

É por isso que eu só acho feia a feiúra.

Sinfonia de pardais

Edival da Silva Castro

No beiral do telhado, acima da janela do meu quarto, um montão de pardais procurava nidificar.

Gostaria de entender qual a deles, pois, mais de um casal vão e vêm com fragmentos de palha nos bicos, do clarear ao anoitecer, para construir seus ninhos.

A farra dos pardais e pardocas é tanta, que eles incomodam mesmo antes da claridade rósea do amanhecer. Abro a janela e procuro afugentá-los. Eles desentocam, vão até o telhado do vizinho e ficam piando, olhando para mim. Pardal não canta, entoa piados penetrantes que martelam os ouvidos. Aí o sono já era.

Face às circunstâncias, mudei de hábito. Deito-me mais cedo para estalar os olhos de manhãzinha, sob a sinfonia deles.

Semana atrás, precisei ir a São Paulo. Gosto de viajar de ônibus, o trânsito da capital é complicado. Antes de me deitar fui acertar o despertador. O relógio é daqueles antigos, dá-se corda e o destrava-se... Porém, o tic-tac incomoda a noite toda. Lembrei-me, então: para que despertador se tenho uma sinfonia para me acordar?

Não deu outra: na hora aprazada, o concerto iniciou. Levantei-me, coloquei água para ferver, peguei uma vassoura atrás da porta e saí para o quintal a fim de espantá-los.

Com a vassoura levantada como um estandarte, e balbuciando “chi... chi... chi...” tocava a pardalzada, quando, de repente, avistei no chão um pardalzinho todo encolhido e, no mínimo, com medo de mim. Por isso que os grandalhões estavam inquietos.

Peguei-o com cuidado, alisei-lhe o dorso algumas vezes e por instantes não sabia o que fazer com aquela criaturinha inofensiva, frágil e desamparada. Tomei uma escada, subi até ao último degrau, e no telhado da edícula coloquei o pirralhinho e descí. Ao atingir o chão, os pais já o acariciavam, e ele, todo dengoso, tremia as asinhas e abria o bico para receber o café da manhã.

O ciclo da vida continua. Logo, logo, esse pardalzinho será mais um componente da famigerada sinfônica.

Duas vezes Vera Lúcia Machado...

Qualquer dia
Vou sentar
À beira mar
Vou soltar meus
Pensamentos
Vou cantar
Cantar
Cantar.
Catçar conchas
De segredo
Pra levar
E revelar.
Vou me livrar
De mim mesma
Deixar
Meu corpo
Na areia
Como ficam
Conchas velhas
À mercê
Do mar dos tempos.
Qualquer dia...

Deixei
Que a paz se fosse
Nas mãos
De um amor sem dono
Deixei
Perdi meu caminho
Desencontrei-me de mim
Olhei
Não vi os meus olhos
Perdi-os n'água
Perdi-os.
Perdi-me
De tanta gente
Saí de perto de mim
Andei,
Perdi-me da vida
Deixei tudo atrás de mim
Regresso
Palavra morta
Ilha só
Olho o horizonte
Nada vejo
Olhos mortos
Tudo distante, distante.



Acesse, leia e divulgue
o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Pátria minha...

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Em uma das cidades em que serviu como diplomata, Vinícius de Moraes escreveu “Pátria Minha”. Nesses versos, mais uma de suas obras-primas, está clara a paixão que tinha pelo Brasil: “(...) sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água / Que elaboram e liquefazem a minha mágoa / Em longas lágrimas amargas. / Vontade de beijar os olhos de minha pátria / De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos. (...)”

Assisti, recentemente, um documentário sobre Vinícius, no qual conheci esse poema. Estava em casa, fora de Piquete... Não tão longe quanto estava o poetinha quando criou “Pátria Minha”... Mas senti-me também “no exílio”, como ele se classifica nos primeiros versos.

É triste querer ninar, passar as mãos pelos cabelos da amada e não poder. Dessa forma, acredito, sentem-se muitos piquetenses “ausentes”. Não tivemos ainda um “Vinícius piquetense”, que transmitisse tamanho sentimento em tão poucos versos para o mundo. Mas há, sim, muitos que sentem falta, que choram por Piquete. Procuram, então, resgatá-la, preservá-la a partir “do exílio”: iniciativas diversas espocam por aí, da parte de quem deixou Piquete há muitos anos... Uma constante tentativa de resgatar histórias, “tudo que Piquete já teve”. Louvável e importantíssimo. Mas, convenhamos, vamos deixar de lado o saudosismo. Não podemos nos esquecer da Piquete de hoje. Tudo que está registrado em imagens, em memórias deve reforçar em nós a vontade de ver Piquete brilhar novamente. E isso só será possível com ações concretas em prol de nossa cidade. Não nos limitemos a manter uma “casa de veraneio” aqui. Não nos limitemos ao amor platônico das fotos – digitais ou não... Vamos resgatar o que Piquete teve de bom e ainda tem. E criemos o novo... Há muito que se criar...

Num outro trecho de “Pátria Minha”, Vinícius diz: “(...) minha pátria é o grande rio secular / que bebe nuvem, come terra / E urina mar.” Ah!... Um gênio diz coisas tão simples de forma tão bela... Não me atrevo a analisar os versos, mas, particularmente, veio-me a imagem do ribeirão Passa Quatro: bebe as nuvens dos Marins, come a terra erodida ao longo de suas margens e urina não no mar, mas no Paraíba do Sul. Olha aí... Cuidar do Passa Quatro é uma ótima oportunidade de ação!

Vamos lá, “exilados”... De onde estivermos, não chamemos uma cotovia para pedir que peça ao rouxinol do dia que peça ao sabiá que traga uma mensagem... Assim fez Vinícius, pois, além de ter a pena como ferramenta para agir, estava a um oceano de distância... Os exilados mais próximos, podemos vir, agir, cobrar...

Por meio da Fundação Christiano Rosa, há 12 anos o “O ESTAFETA”, formado em boa parte por “exilados”, vem provocando mudanças em Piquete... Esses exilados agem por meio de imagens, de memórias, de palavras... Mas, essencialmente, agem. E agem analisando erros e acertos do passado, visando a nortear ações para o futuro da pátria nossa...

Um Filho de Santo Inácio

Abigayl Lea da Silva

Inácio de Loyola foi um soldado. Passou aos padres da Companhia de Jesus suas marcas de caráter: a destreza, o destemor e o sentido do cumprimento do dever.

Lá está o planalto de Piratininga. O filho de Santo Inácio é o atleta que galga a serra do Mar, é o linguísta que decifra o tupinambá; é o diretor de teatro que ensaia as peças que contam a vida de Jesus, o filho de Tupã.

Acolá ficam os Sete Povos das Missões. O filho de Santo Inácio é o construtor, é o arquiteto, é o técnico agrícola, é o músico que entrega ao índio a viola de dez cordas e faz nascer a catira como auxiliar nas lições à gente guarani.

Rumo ao norte, Bahia, Maranhão, Pará, Marajó e o rio Amazonas. O grande susto: muitas gentes, muitas línguas. O filho de Santo Inácio pede reforço: mandem “línguas” que não dou conta de aprender todas!

Em 2008, comemoramos o quarto centenário do nascimento de um filho de Santo Inácio que nasceu em Portugal, veio para a Bahia com seis anos de idade, lutou em favor dos índios, dos negros e dos judeus, aconselhou príncipes, freqüentou cortes européias e morreu na mesma Bahia, em 1697.

Para não correr o risco da repetição, escolhi para trazer à luz duas atitudes que o jesuíta Padre Antônio Vieira julgava necessárias aos filhos de Deus: seguir a estrela da prudência e manter-se à sombra dos pórticos da gratidão.

A melhor lição de prudência, Vieira a dá no Sermão das Exéquias da Rainha Maria Isabel de Sabóia, que pregou na Misericórdia da Bahia, em 11 de setembro de 1684.

Disse o filho de Santo Inácio:

“A prudência compõe-se de ciência e experiência: a ciência está nos doutores, que a estudam pelos livros; a experiência está nos velhos que a aprendem pelos anos. E porque eu – diz Davi – sem anos e sem livros, estudando só pelos mandamentos, soube mais que os doutores e mais que os velhos, esta foi a arte com que me fiz, ou Deus me fez prudente: “Prudentem me fecisti mandato tuo” (Tu me fizeste prudente no teu mandamento – Sl. 118,98). – Assim, e nada menos, a nossa

prudentíssima rainha, como toda a sua aplicação, todo o seu estudo, e todo o seu cuidado se empregava na observância perfeitíssima da lei divina, esta foi a segunda melhor escola, em que, sem anos e sem livros – sem anos porque tinha poucos; e sem livros, porque só lia os espirituais, e não os políticos – pôde

chegar a tão subido grau de prudência. Por isso santa, e por isso também prudentíssima.”

Às voltas com o processo do Santo Ofício em Coimbra, Vieira esperava a proteção do Infante D. Pedro, depois Rei D. Pedro II de Portugal, como gratidão pelos bons serviços que havia prestado à Coroa Portuguesa. Abandonado, Vieira mostra sua decepção e tristeza em carta escrita, em

21 de dezembro de 1669, à irmã do Infante, a Rainha D. Catarina da Inglaterra.

“Mágoa é maior que toda a paciência a consideração de que experimente estes rigores em um filho de El-Rei D. João o IV e da Rainha D. Luísa, de imortal memória, um criado tão favorecido de ambos, que um o nomeou por mestre, e outra por confessor, de quem o trata assim depois de tão indignamente tratado por seu respeito.

V.M. por sua clemência perdoe a indecência destas queixas, que a dor não tem juízo, e nenhuma é maior que a do amor ofendido.

Determino pleitear de novo a minha causa e buscar em Roma a justiça que não achei em Portugal; e ainda que espero me não falte Deus, como defensor da verdade, tenho grande confiança que, por meio da proteção de V.M., terei mais segurança divina.”

Não me sinto possuidora dos carismas da Companhia de Jesus. Mas a leitura dos Sermões e das Cartas do Padre Vieira me fez descobrir uma riqueza incomensurável na doutrina, na moral e na ética, além de dados indispensáveis da história do Brasil e da Europa Ocidental no século XVII.

Sua obra é um monumento à Língua Portuguesa.

Deixemos que o próprio Vieira dê a explicação: o sol, em seu caminho diário, vai surpreendendo os padres da Companhia no estudo – para a maior glória de Deus, “Ad Maiorem Dei Gloriam”.



Vieira - Pastel de Portinari (Reprodução)



A FCR e a recuperação de Matas Ciliares

Encontra-se em pleno vapor o projeto elaborado pela Fundação Christiano Rosa para recuperação de mata ciliar na microbacia do ribeirão Limeira. Tributário da margem esquerda do Paraíba do Sul, esse ribeirão tem suas nascentes na APA da Mantiqueira, em terras da Fábrica Presidente Vargas, em Piquete.

A recuperação das matas ciliares, garantida pela legislação federal, é uma das maiores chances de formar corredores que garantam a sobrevivência da Mata Atlântica, principalmente onde já não há remanescentes.

As matas ciliares, fundamentais para o equilíbrio ecológico, oferecem proteção para as águas e o solo, reduzindo o assoreamento dos rios. O reflorestamento das áreas de mata ciliar é uma necessidade, devendo ser implantado com espécies

nativas, observando-se um nível adequado de diversidade biológica para assegurar a restauração dos processos ecológicos. Esta é uma condição indispensável para o desenvolvimento sustentável.

Segundo a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, existem no Estado um milhão de hectares de áreas ciliares, que precisam ser recuperadas e reflorestadas, sendo necessário produzir, plantar e manter dois bilhões de mudas.

A Fundação Christiano Rosa vê, há mais de dez anos, trabalhando junto à comunidade, na busca pela conscientização da importância da Mata Atlântica e da preservação ambiental para a sustentabilidade do município.

Com financiamento do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO), executou um projeto piloto de recuperação e plantio

de mata ciliar na microbacia do ribeirão Tabuleta. Com a experiência adquirida, elaborou e está executando um projeto com os mesmos objetivos na microbacia do ribeirão Limeira. A primeira fase desse projeto foi concluída em dezembro de 2007, com o cercamento de uma área superior a 20 hectares, plantio de 8,13 hectares com 90 espécies da Mata Atlântica.

Além da mata ciliar, as nascentes desse ribeirão na área de plantio estão sendo recuperadas. Em breve, estarão sendo plantadas mais 12 mil mudas, através de convênio com o CEIVAP/AGEVAP, com recursos obtidos com a cobrança pelo uso da água.

Esses projetos estão disponibilizando também cursos de Educação Ambiental e de viveirista para a comunidade.

Piquete, o homem e a Mantiqueira

A singularidade da serra da Mantiqueira empresta à paisagem de Piquete rara beleza que atrai os olhares de todos. Essa muralha azul protege a cidade, que se localiza nas suas fraldas, estendendo-se no fundo do vale, rodeada por um mar de morros.

Esses diferentes cenários concorreram para que Piquete recebesse, em 1962, o cognome de “Cidade Paisagem”, escolhido por meio de concurso promovido pela Inspetoria Regional de Estatística do IBGE, através do chefe da Agência de Estatística de Piquete, Wilson Leite do Prado.

A serra da Mantiqueira tornou-se, porém, um paraíso ameaçado. A ocupação desordenada das encostas e o crescimento da cidade têm contribuído para a degradação de seus ecossistemas. As ricas e diversificadas fauna e flora, típicas de Mata Atlântica, e que ainda não foram comple-

tamente catalogadas, correm risco de extinção.

Piquete mantém relação direta com a serra da Mantiqueira. É dela que provém a água que abastece a cidade, e é nela que nascem seus principais ribeirões: Benfica, Sertão, Limeira, Itabaquara e Passa-Quatro. O lento e contínuo processo de desmatamento de suas encostas, além de provocar erosão e desequilíbrio ambiental, desestabiliza o regime das águas afetando o balanço hídrico e comprometendo o abastecimento do município. A falta de visão fez com que até hoje nenhuma política ambiental efetiva fosse traçada no sentido de preservar esse patrimônio. A perda da cobertura vegetal nas encostas e matas ciliares, queimadas, cultivo de encostas extremamente íngremes e pastagens extensivas de baixa produtividade são exemplos

de práticas errôneas adotadas no município.

Para que seja possível preservar e recuperar os insubstituíveis remanescentes de ecossistemas naturais da serra da Mantiqueira é fundamental a tomada de medidas que impeçam o avanço da devastação que se estende de maneira sutil e criminosa. Para isso, duas frentes de ação devem ser desenvolvidas simultaneamente: intensificação de ações fiscalizadoras e implantação do zoneamento da serra.

Em 1985, para proteger esse maciço montanhoso foi criada a APA (Área de Preservação Ambiental) da Mantiqueira. Para que a APA seja efetivada, é necessário que sejam cumpridas pelo Estado as medidas de zoneamento e fiscalização impostas pelo Decreto Federal 91.305/85, que não declara apenas sua criação, mas dispõe também sobre sua implantação.

